

O presente texto é uma breve introdução ao problema da estratégia de classe, bem como sua constituição e efetivação concreta via blocos sociais. Para tanto, devemos discutir o que são estratégias de classe, bem como outros conceitos relacionados, mesmo que de forma breve e introdutória, para, posteriormente, analisar a relação entre blocos sociais e estratégia de classe e, a partir disso, observar as principais tendências estratégicas de cada bloco social.

O Conceito de Estratégia

O primeiro ponto a se destacar refere-se ao que é estratégia de classe. O termo estratégia, como quase todas as palavras de teor político numa sociedade de classes, é definido sob inúmeras formas. O objetivo aqui é apenas apresentar uma possível concepção de estratégia no interior da teoria marxista. Nesse sentido, nada tem a ver com a etimologia e origem da palavra, tal como desenvolvida de acordo com objetivos militares e muito menos com a concepção leninista, que se inspira nas práticas militares.

A origem etimológica da palavra, oriunda do grego *Stratégós* (que é um derivado de “stratos”, que significa “exército”, e “ago”, que significa “comando”), mostra o seu sentido militar, ligado a um “comando de exército”. É nesse sentido que a tradição leninista-stalinista utilizará tal termo². Segundo Stálin,

A estratégia consiste em determinar a direção do golpe principal de ataque do proletariado, tomando como base a etapa em que se encontra a revolução, elaborar o plano adequado para a distribuição das forças revolucionárias (das reservas principais e secundárias), em lutar para levar a cabo este plano em todos os limites onde se encontre a revolução (STÁLIN, 1982, p. 90.).

^{1*} Professor da Faculdade de Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal de Goiás.

² Lênin não realizará nenhuma discussão mais profunda sobre isso, embora use várias vezes o termo tática e sem maior precisão. Em uma de suas obras é possível perceber o caráter oportunista dos usos que oferece ao termo estratégia (LÊNIN, 1986).

Aqui se nota o caráter militar e dirigista da posição stalinista. A estratégia significa fixar um “golpe principal” usando forças principais e secundárias, ou seja, revela uma concepção etapista e apresenta uma etapa que possui a necessidade de um golpe principal. Daí o termo complementar, que é o de tática:

A tática é que determina a linha de conduta do proletariado durante um período relativamente curto de fluxo ou refluxo do movimento, de subida ou descida revolução, a luta para levar a cabo esta linha através da substituição das antigas formas de luta e de organização por outras novas, através da combinação dessas formas. Entretanto, o fim da estratégia é ganhar a guerra contra o czarismo ou contra a burguesia, levar a cabo a luta contra o czarismo ou contra a burguesia, a tática preocupa-se com objetivos menos essenciais, porque não supõe ganhar a guerra na sua totalidade, mas ganhar estas ou aquelas lutas, levar a cabo com êxito estas ou outras campanhas, estas ou outras ações, de harmonia com a situação concreta existente, neste período de subida ou de descida da revolução. A tática é uma parte da estratégia, a qual serve e à qual está submetida (STÁLIN, 1982, p. 92).

Claro que isso é totalmente antimarxista. Um conceito de estratégia, que tenha utilidade para uma abordagem marxista, a deve remeter à sua teoria da sociedade e não discursos e planos militares (ou burocráticos, como em sua versão leninista-stalinista), ou seja, remete à totalidade e à classe revolucionária que pode destruir o modo de produção capitalista e criar a autogestão social. É por isso que o termo “tática” não tem sentido na concepção marxista. A tática, na concepção bolchevista, é uma etapa da estratégia, que, no fundo, é apenas um plano pensado militarmente para chegar ao poder estatal.

Na concepção marxista, estratégia só pode ter o sentido de ser um projeto que planeja sua concretização, ou seja, é um meio para se chegar a um determinado fim, que, por sua vez, deve manter uma unidade indissolúvel entre meios e fins³. Por isso a “tática” não tem muito sentido, pois nada mais é que uma resposta imediata para questão momentânea sem vínculo com o objetivo final. No entanto, no marxismo autêntico nunca houve discussão mais profunda sobre estratégia revolucionária ou mesmo estratégia de classe, menos ainda em relação ao termo mais geral e abstrato de “estratégia”. Nesse contexto, podemos derivar da concepção de estratégia revolucionária um conceito geral de estratégia. Desta forma, consideramos que

³ Sobre unidade entre meios e fins, é possível encontrar discussão em Rosa Luxemburgo (LUXEMBURGO, 1986; LUXEMBURGO, 1991; VIANA, 2013), e ver alguns elementos em Marx, especialmente sua preocupação com a contrarrevolução, bem como em outros marxistas.

estratégia, em geral, é um plano elaborado de forma reflexiva para concretizar um objetivo e que articula meios (e ela é um dos meios) para se chegar ao objetivo final, sendo ambos ligados indissolivelmente.

Esse é o uso do termo estratégia em sentido amplo e geral. O nosso objetivo aqui, no entanto, é discutir estratégia de classe. Sendo assim, é necessário explicitar o seu significado. Entendemos por estratégia de classe um plano elaborado de forma reflexiva por representantes intelectuais de uma classe social no sentido de apontar um objetivo que articula meios e fins de forma indissolúvel e a partir dos interesses fundamentais da classe social que expressam intelectualmente. Esse é um conceito amplo, pois expressa o que significa estratégia no caso de todas as classes sociais. Porém, existem especificidades em cada caso concreto. Assim, podemos distinguir várias estratégias de acordo com as várias classes sociais existentes. No entanto, as estratégias mais significativas são as das classes sociais fundamentais, que, no capitalismo, são a burguesia e o proletariado⁴. Então o que nos interessa aqui são as estratégias das classes fundamentais. Porém, existe uma terceira classe social que possui uma força e importância na dinâmica da luta de classes a nível global da sociedade capitalista e, além disso, ambiciona substituir a burguesia como classe dominante, embora, historicamente, o máximo que conseguiu foi se fundir com ela. Trata-se da classe burocrática (VIANA, 2018; VIANA, 2015a). A burocracia é uma classe auxiliar da burguesia, mas tem uma possibilidade de autonomização, especialmente em alguns dos seus setores, e assim busca se tornar uma nova classe dominante, gerando ideologias, representações, etc., que apontam para isso.

Desta forma, podemos sintetizar as estratégias de classes em três principais: a da burguesia, a da burocracia e a do proletariado. Porém, as estratégias de classes não são elaboradas por elas, pois grande parte dos indivíduos pertencentes a elas se preocupam com as questões imediatas, não realizam trabalho intelectual, etc. Assim, são os setores

⁴ A razão disso é que são as classes que definem não somente o processo de produção e distribuição das riquezas, uma sendo explorada e produzindo as riquezas e a outra sendo exploradora e realizando o processo de distribuição, como também são as que possuem objetivos antagônicos que atingem todas as demais classes e giram em torno da conservação ou transformação da sociedade existente. As demais classes, além da pouca influência em sua luta autônoma, raramente possuem projeto alternativo e ficam a reboque, seja da classe dominante, seja da classe explorada.

mais organizados, ativos e conscientes das classes sociais que elaboram suas estratégias. Estes setores são o que denominamos blocos sociais (VIANA, 2015b). Essas três classes sociais geram três blocos sociais, sendo que dois são fundamentais, o dominante (e conservador) e o revolucionário, ligados à burguesia e proletariado, respectivamente. O terceiro é o bloco progressista, que fica entre os dois anteriores e se caracteriza por ter como principal força a classe burocrática. Porém, como já colocamos em outro lugar, não existe homogeneidade nos blocos sociais, pois existem divisões e subdivisões (oriundos das subdivisões das classes sociais, como as frações de classes ou outras subdivisões).

Nesse sentido, é preciso perceber que cada ala de um bloco social pode criar uma estratégia distinta de outra. Porém, em certos momentos históricos emerge uma estratégia hegemônica que consegue amplo apoio dentro do bloco social. Aqui trataremos das estratégias hegemônicas e não de todas elas, pois isso tornaria necessária uma análise mais variada de cada bloco social e demandaria um espaço muito extenso. Após definir o que é estratégia e identificar que sua elaboração é realizada pelos blocos sociais, podemos prosseguir analisando as três principais estratégias de classe no capitalismo.

Estratégia Burguesa, Bloco Dominante e Reprodução do Capital

A estratégia burguesa é um plano elaborado sob forma refletida pelos representantes intelectuais da burguesia cujo objetivo é garantir a reprodução do capital. Os representantes intelectuais da burguesia são vários e estão divididos e subdivididos por diversos motivos (frações de classe, interesses nacionais e regionais, influências ideológicas, alianças, entre diversos outros). Existem também os intelectuais criativos e os reprodutivos, ou seja, aqueles que elaboram estratégias e os demais que apenas as reproduzem, realizando sua divulgação, generalização, etc. Além disso, a elaboração estratégica é realizada por alguns poucos intelectuais. Trata-se dos intelectuais que se preocupam com os processos sociais mais gerais e política institucional. Isso remete para o problema do Estado capitalista, enquanto principal aparato institucional do capital. Os intelectuais atrelados aos governos e burocracia

estatal em geral estão entre os principais responsáveis pela elaboração da estratégia burguesa.

A estratégia burguesa, produzida no âmbito do bloco dominante, aponta como objetivo final a reprodução do capital, o que significa, conseqüentemente, a reprodução do capitalismo como um todo. Para conseguir isso, no entanto, existem três tarefas fundamentais: a econômica (garantir e aumentar a extração de mais-valor e acumulação de capital, bem como combater a tendência declinante da taxa de lucro), a política (prevenir e impedir a ascensão do movimento operário e do bloco revolucionário e, ainda, a fusão de ambos), a cultural (marginalizar tudo que é revolucionário e gerar uma hegemonia que garanta a legitimação da dominação burguesa). Essas três tarefas são inseparáveis, embora possa, na cabeça de alguns ideólogos, serem concebidas separadamente. Elas geram três estratégias específicas e complementares que compõem o conjunto da estratégia burguesa num determinado regime de acumulação.

A estratégia burguesa consiste em diretrizes gerais que visam garantir a continuidade da acumulação capitalista e tudo que está envolvido nesse processo. Num plano mais geral, ela é estática, pois aponta sempre para o mesmo objetivo final e meios fundamentais para sua realização (aumento da extração de mais-valor, forma estatal que visa garantir e criar as condições necessárias para isso, determinadas relações internacionais que complementem este processo). No entanto, como o modo de produção capitalista não é estático e suas mutações geram alterações no capitalismo que denominamos regimes de acumulação (VIANA, 2015c; VIANA, 2009). Assim, podemos colocar que a estratégia burguesa se adapta às tarefas políticas e econômicas que surgem a cada regime de acumulação.

A estratégia burguesa envolve o regime de acumulação como um todo, ou seja, o processo de valorização, a forma estatal e a forma de exploração de internacional, bem como uma política cultural. Assim, a cada fase do capitalismo, existe uma estratégia burguesa diferente. Até aqui mostramos algumas manifestações pouco conscientes da estratégia burguesa. No entanto, há um setor da burguesia bem consciente, assim como houve um processo de conscientização maior com o passar do tempo. O nazifascismo foi a forma mais explícita dessa estratégia burguesa e ele foi, portanto, uma fonte de inspiração para a estratégia de classe que emerge após a Segunda Guerra Mundial. O Estado não só fica mais intervencionista e assume a posição integracionista, mas faz isso de forma cada vez mais consciente (VIANA, 2019a, p. 172).

Essa estratégia burguesa diferente a cada regime de acumulação significa que aquilo que é permanente se mantém, mas muda sua forma. Aqui observamos que a estratégia burguesa pressupõe uma consciência mais desenvolvida e que, com o desenvolvimento capitalista se amplia cada vez mais e, isso, no plano cultural, gera uma política cultural⁵. Antes do regime de acumulação conjugado⁶, existiram estratégias burguesas e políticas culturais correspondentes, mas ainda rudimentares. É a partir desse regime de acumulação que se tornam mais conscientes, elaboradas, etc. A elaboração de uma nova forma da estratégia burguesa ocorre de acordo com as divisões internas do bloco dominante, a força política do proletariado, entre diversas outras determinações e são parte de um processo de renovação hegemônica, pois a cada regime de acumulação emerge um novo paradigma hegemônico.

Não se deve entender que primeiro surge uma estratégia, elaborada pelos ideólogos, e depois sua aplicação à realidade. No fundo, quando um regime de acumulação entra em crise, surgem diversas teses, propostas, concepções, a respeito de solução da crise, bem como iniciativas concretas (alterações nas políticas estatais, ações empresariais, etc.). Inclusive, devido à força da hegemonia promovida no interior de um regime de acumulação, geralmente se busca superar a crise no interior deste mesmo regime de acumulação. É nesse momento que alguns indivíduos e grupos começam a defender ideias e realizar práticas distintas, que, uma vez existentes e com a permanência e/ou aprofundamento da crise, começam a ser percebidas como a solução para a crise (VIANA, 2019a, p. 175-176).

O processo de elaboração estratégica pode ser mais ou menos lento, mais ou menos imediato, dependendo de diversas determinações. A ideologia neoliberal, por exemplo, surge na década de 1940, sendo uma estratégia mais desenvolvida no âmbito econômico e permanece marginalizada até a crise do regime de acumulação conjugado e a necessidade de um novo regime de acumulação e nova estratégia. Mas ela foi adaptada, transformada, inserida numa totalidade mais ampla de pensamento, e assim

⁵ “Podemos definir política cultural como o planejamento institucional (estatal ou de outra instituição) ligado a determinados interesses de classe e voltado para a produção, controle e difusão de cultura, entendendo por este conceito o conjunto das produções intelectuais, o que inclui arte, ciência, filosofia, técnica, etc. [...], e que é realizado por quem detém o poder nessa instituição. Cabe ao aparato estatal, a principal forma de regularização das relações sociais na sociedade capitalista, a elaboração da forma mais importante e influente de política cultural. Outras instituições também elaboram e realizam políticas culturais, como o capital comunicacional, fundações, partidos políticos, etc.” (VIANA, 2019a, p. 175).

⁶ O regime de acumulação conjugado vigorou no capitalismo imperialista entre 1945-1980, aproximadamente, e teve como elementos constitutivos o fordismo, o estado integracionista e o imperialismo oligopolista transnacional (VIANA, 2009; VIANA, 2015c)

foi recuperada e passou a ser parte da nova estratégia burguesa. Assim, são as necessidades e novas tarefas da burguesia que faz com que ideias antes marginalizadas sejam retomadas e adaptadas para atender a elas.

Estratégias Burocráticas, Bloco Progressista e Burocratização

A estratégia burocrática é o plano elaborado refletidamente pelos representantes intelectuais da burocracia visando a concretização do objetivo final, que é a burocratização. Ela articula meios e fins a partir dos interesses fundamentais da classe burocrática. No entanto, a classe burocrática, ao contrário da burguesia e do proletariado, é ambígua. Existe uma divisão no interior da burocracia que gera estratégias distintas e concorrentes, sendo que a hegemonia pode se alterar dependendo da correlação de forças internas e externas, situação nacional, pressão da burguesia e do proletariado, etc.

Um elemento importante para entender as estratégias burocráticas é sua ambiguidade e seu ecletismo ideológico derivado do fato dela não ser uma classe fundamental do modo de produção capitalista e por isso fica entre a burguesia e o proletariado. Nesse contexto, alguns setores da burocracia (geralmente os escalões superiores da burocracia estatal, a burocracia dos partidos conservadores, etc., que são aqueles que detém maior renda e poder) se dispõem a apoiar a burguesia e seguir seus ditames, executando fielmente o seu caráter de classe auxiliar da classe dominante. Outros setores acompanham essa dinâmica, mas apresentam o interesse de classe da burocracia no sentido da burocratização (aumentar a burocracia – instituições e cargos burocráticos – e o controle social) e para isso lança mão do apoio popular, especialmente o eleitoral. Esse setor é um pouco mais autônomo em relação ao anterior e envolvem escalões semelhantes da burocracia e alguns abaixo, incluindo os extratos mais baixos da burocracia, bem como consegue aglutinar setores da intelectualidade e outras classes sociais, bem como parte da juventude. Um outro setor, por sua vez, já expressa mais fielmente os interesses de classe da burocracia, que é a burocratização ao ponto de se tornar a nova classe dominante. Esse setor é composto pelos extratos mais baixos da burocracia e da intelectualidade, bem como busca aglutinar outras classes sociais, especialmente trabalhadores e atrai parte da juventude.

Assim, temos três posições políticas principais no interior da classe burocrática. A primeira é uma posição atrelada à burguesia e sua fiel serviçal (com destaque para a burocracia militar, muitas vezes mais “realista do que o rei”, ou, em outras palavras, “mais burguesa que a burguesia”). A segunda é vinculada geralmente ao reformismo e buscando unir interesses da burguesia e interesses imediatos (não os fundamentais) do proletariado, que se expressa ideologicamente principalmente através da social-democracia. A terceira é a de posição extremista e que tem como principal expressão ideológica o bolchevismo. Sem dúvida, existem mutações nessas três posições de acordo com as mudanças históricas e regimes de acumulação, bem como existem divisões internas. Porém, aqui podemos desconsiderar a primeira posição, pois ela segue a burguesia e suas estratégias, devido sua pouca autonomia diante dela. Outra questão é que as duas últimas se aproximam e muitos passam de uma para outra, mudando de estratégia, sendo que os reformistas podem, o que ocorre em casos raros, se aproximar do extremismo, ou se aproximar da burguesia, ficando ainda mais moderada.

Assim, grosso modo, temos duas grandes estratégias burocráticas⁷. A primeira é a eleitoral e a segunda é a insurrecional. A burocratização pela via eleitoral significa a conquista da burocracia governamental e diversos cargos conquistados no aparato estatal, tanto legislativos quanto executivos. Para conseguir isso, é necessário atender, simultaneamente, reivindicações burguesas e proletárias, embora, nesse último caso, geralmente seja mais discurso e migalhas do que atendimento efetivo de demandas. Isso significa, no fundo, que essa estratégia burocrática está subordinada à estratégia burguesa, sendo uma estratégia secundária e auxiliar, assim como a posição de classe da burocracia.

A segunda estratégia é a insurrecional. A burocratização pela via insurrecional significa a conquista do aparato estatal (ou seja, não apenas a burocracia governamental, mas também a burocracia estatutária) e promove a estatização dos meios de produção. Porém, se isso ocorre com a manutenção da produção de mais-valor,

⁷ Se seguirmos Jensen (2016), comentando Stanley Moore (1968) e as “três táticas marxistas”, acrescentaríamos mais uma. No entanto, o que Moore coloca é bastante problemática e as duas primeiras táticas apresentadas por ele são, no fundo, uma só, com variações de justificativa e não de estratégia ou objetivo. Sendo assim, sobram as duas estratégias (que Moore denomina “táticas”, o que foi criticado por Jensen) que aqui discutimos.

ao invés de gerar um modo de produção “burocrático”, o que se efetiva é a formação de um capitalismo estatal, e isso significa que ocorre uma fusão entre burocracia e burguesia, gerando uma burguesia burocrática (VIANA, 2019). Isso significa uma autonomização da burocracia diante da burguesia, mas relativa, e, ao mesmo tempo, a sua busca de aproximação com o proletariado e demais classes inferiores no sentido de obter apoio para conquistar o aparato estatal.

Quem produz as estratégias burocráticas? A resposta, inicialmente, seria relativamente fácil: os burocratas. E, em parte, isso é correto. No entanto, em matéria de indivíduos, quem elabora as estratégias burocráticas são burocratas que produzem ideias (geralmente políticas e estratégicas, sem maior domínio geral de outros processos sociais)⁸, e intelectuais associados às burocracias partidárias, geralmente integrantes de partidos políticos. Sem dúvida, os burocratas estrategistas são mais pragmáticos do que os intelectuais estrategistas, mas eles se reforçam e se unificam. Desta forma, a elaboração das estratégias burocráticas é responsabilidade de burocratas e intelectuais, enquanto indivíduos, mas geralmente aquartelados em organizações burocráticas, componentes do bloco progressista. Diversas estratégias são elaboradas, mas a hegemonia pertence aos principais partidos políticos do bloco progressista. A partir do surgimento do capitalismo estatal russo e a bolchevização dos partidos comunistas, o eixo de formação de estratégias específicas se deslocou para o aparato estatal da URSS e sua correia de transmissão, o Cominter⁹. No caso dos partidos social-democratas, há uma maior independência, bem como de outros setores do bloco progressista (trabalhistas, por exemplo).

⁸ E isso apesar de muitos se dizerem “marxistas”. Porém, são pseudomarxistas quando se declaram assim. E aí podemos ver a diferença radical entre Marx, que abordava temas considerados “filosóficos”, “econômicos”, “políticos”, “culturais”, etc., e os supostas marxistas, que passaram a trabalhar fundamentalmente com política e, secundariamente, com economia (pela importância dessa na análise e projeto, bem como pelo determinismo econômico de muitos pseudomarxistas). Esse, por exemplo, é o caso de Lênin, Trotsky, Stálin e muitos outros. Quando eles tentavam sair dessas áreas, nas quais já se saíam muito mal, e adentravam, por exemplo, em questões filosóficas, o que era raro, conseguiam ser ainda mais simplórios e problemáticos.

⁹ *Communist International*, ou seja, a Internacional Comunista, também conhecida como “Terceira Internacional”.

No entanto, as estratégias, em âmbito mais geral, se encontram nos escritos dos representantes intelectuais desses setores da burocracia (Lênin, Trotsky, Kautsky, etc.). Porém, elas são adaptadas (seja de forma oportunista, o que foi predominante, ou não) para situações nacionais, interesses, etc. A cada regime de acumulação, elas se adequam ao paradigma hegemônico, aos interesses do momento, etc. A elaboração dessas adequações das estratégias burocráticas tem como explicação a autonomização relativa da burocracia como classe social, pois ela fica subordinada à episteme burguesa e paradigmas hegemônicos, usando linguagem e roupagem marxista, de acordo com seus interesses e objetivos, não saindo do ecletismo e dos limites da consciência burguesa.

As estratégias burocráticas também geram estratégias específicas no âmbito econômico, político e cultural, bem como tem divisões (há setores autonomizados – da ala extremista do bloco progressista – que se aproximam mais do proletariado e por isso são mais “esquerdistas” e mais críticos, enquanto que há setores intermediários e os mais moderados, que se aproximam mais da burguesia e, por conseguinte, são mais próximos, simultaneamente, da social-democracia e com a ala moderada do bloco progressista). As estratégias do bloco progressista têm também dois elementos que mostram sua face eclética: um aspecto voltado para a burguesia e outro voltado para o proletariado. A ala moderada busca aliança com a burguesia, bem como passar uma imagem de não radicalismo, especialmente em momentos eleitorais com reais chances de vitória; e busca, ao mesmo tempo, fazer promessas e discursos para o proletariado, embora no nível dos interesses imediatos e incluindo outras classes e setores da sociedade. A ala extremista também busca aliança com a burguesia (“nacional”, “revolucionária”, “anti-imperialista”, etc.) em certos contextos, apesar de ser mais discursivamente crítica; e, em relação ao proletariado, também faz discursos e promessas, buscando o seu apoio e controle. No fundo, ambas as alas buscam apoio da burguesia ou de setores dela, sendo que os mais “esquerdistas” da ala extremista escapam disso. Elas também buscam o apoio do proletariado, uma sob forma predominantemente eleitoral e a outra sob a forma predominantemente insurrecional. No entanto, isso se altera, como já colocamos anteriormente, e contemporaneamente a via insurrecional é coisa de uma minoria e mesmo assim, na maioria dos casos, de forma ambígua.

Estratégia Operária, Bloco Revolucionário e Autogestão

A estratégia operária seria um plano constituído de forma refletida pelos representantes intelectuais do proletariado apontando para o objetivo final, expressão dos seus interesses fundamentais. O interesse fundamental do proletariado é a abolição do capital e de si mesmo (pois ele só existe nessa relação) e constituição de uma nova sociedade, abolindo as classes sociais, instaurando a autogestão (VIANA, 2018). Isso significa que o proletariado, como classe, não elabora uma estratégia, pois isso seria impossível, a começar pelas divisões e subdivisões, diferenças nacionais, regionais, etc., bem como o fato de geralmente ele existe como classe determinada pelo capital (logo, submetido à sua hegemonia). Então são os representantes intelectuais do proletariado, os seus teóricos, que elaboram a estratégia de classe do proletariado, que pode ser denominada, resumidamente, como estratégia revolucionária. Assim, é no interior do bloco revolucionário que emerge a estratégia proletária. E coube ao marxismo, de forma pioneira por Karl Marx, elaborar a primeira versão da estratégia revolucionária.

A estratégia, no sentido marxista, só pode ser o projeto de revolução social que reflete sobre si mesmo e busca manter a unidade entre meios e fins. Assim, podemos definir estratégia revolucionária como a reflexão sobre os meios e fins necessários para realização do projeto autogestionário. Em outras palavras, a estratégia revolucionária, por conseguinte, é a reflexão sobre os meios e fins necessários, bem como sobre sua unidade, para a concretização da revolução social, ou seja, da autogestão social que ela materializa.

Quando se fala de estratégia, geralmente nos meios ditos “revolucionários”, se pergunta sobre a “tática”. Se houver, nessa teoria, alguma utilidade para a palavra “tática”, seria no sentido de *ação possível*, ou seja, é a atividade ou luta que pode ser desenvolvida num determinado contexto, no qual é um momento anterior para desencadear ou gerar algo mais profundo. Assim, a tática não entra em contradição com a estratégia e nem é etapa para ela, mas parte dela, só que numa situação de recuo e servindo para sua superação. Isso significa que tática, no sentido marxista, é ação possível, e que isso significa que nunca cai no oportunismo, etapismo, e outros problemas típicos do pseudomarxismo.

A estratégia revolucionária pressupõe, portanto, reflexão. Ela é produto da reflexão e caso esta tenha uma base teórica e metodológica, ou seja, um saber complexo que analisa a totalidade da sociedade e suas tendências, potencialidades, contradições, crises, objetivo final, etc., então consegue ser mais eficaz e de acordo com sua razão de ser. Logo, estratégia revolucionária pressupõe formação e teoria¹⁰. É a partir de um determinado saber sobre a realidade é que se torna possível uma elaboração estratégica mais profunda, eficaz. Nesse sentido, toda organização revolucionária deve se preocupar com a formação teórica e com a estratégia revolucionária, sendo que a primeira é a base da segunda e esta é a razão de ser de qualquer organização revolucionária¹¹.

A estratégia revolucionária, por sua vez, só tem sentido por buscar concretizar o objetivo final, no caso, a revolução autogestionária. Por conseguinte, é fundamental a reflexão e consciência de qual é esse objetivo final, sobre o significado da autogestão, pois ela pode ser confundida com coisas nada revolucionárias, como cooperativas, cogestão, controle operário, capitalismo de estado, reformas sociais, etc. O fundamental é o objetivo final, a autogestão social, e, portanto, a revolução proposta não é qualquer revolução, não é tomada do poder estatal, não é insurreição armada, é transformação radical do conjunto das relações sociais no sentido de instaurar o comunismo, uma sociedade fundada na igualdade e liberdade, o que significa abolição do capital, estado,

¹⁰ E a estratégia em geral, pois é um pressuposto. Porém, no caso da estratégia revolucionária, a reflexão se fundamenta em teoria e no caso das estratégias de outras classes, se fundamentam em ideologias e doutrinas, o que mostra sua fragilidade e seu misto de verdade e ilusão. A ilusão, no entanto, é útil para a dominação burguesa e burocrática, mas é nociva para o proletariado e sua estratégia. Assim, estratégia burguesa e burocrática não entram em contradições com ilusões (mas, é claro, os momentos de verdade existem e são corretos para a perspectiva de classe, apesar de suas justificativas, formas de legitimação, etc., sejam falsos, pois não podem se assumir como sendo interesse de uma ou outra classe social), mas a estratégia operária sim e por isso é preciso a crítica radical dos equívocos e processos ilusórios no interior do bloco revolucionário. Além da teoria, o método dialético é fundamental na elaboração da estratégia revolucionária, pois método e estratégia são similares. Abordaremos esta questão em outra oportunidade, pois seria uma discussão muito extensa para ser realizada aqui.

¹¹ Aqui a palavra organização revolucionária significa “grupo organizado” e não “grupo informal” e nada tem a ver com organizações burocráticas, mas sim uma forma de aglutinar indivíduos revolucionários, no sentido de contribuir coletivamente com o projeto autogestionário. Uma organização autenticamente revolucionária só pode ser uma organização autárquica (não-burocrática) (VIANA, 2016).

classes sociais, dinheiro, poder, etc. Portanto, é fundamental ter clareza sobre o objetivo final, a autogestão social.

E essa clareza é tão fundamental que é graças a ela que se faz a reflexão sobre as tendências e meios necessários. São os fins que determinam os meios. Mas se tais fins não são claros ou indefinidos, então os meios também são problemáticos. Alice, personagem de Lewis Carrol, pergunta para o Mestre Gato: “por qual caminho devo ir?” e ele responde: “para onde quer ir?”. Essa pergunta é fundamental, bem como a resposta. Alice responde: “para qualquer lugar” e assim o Mestre Gato retruca: “então escolha qualquer caminho”. A resposta foi inadequada e por isso tanto faz a resposta ou o caminho. Para saber qual caminho devo tomar, preciso saber o lugar que quero chegar. Assim, se quero chegar ao lugar chamado autogestão social, não posso ir pelo caminho da burocracia, do capital, etc., tenho que ir pelo caminho das lutas autogeridas. Mas outra opção é possível além do caminho errado (o burocrático, reformista, etc.), que é ficar parado, sem escolher caminho nenhum, seja por desconhecer o lugar (objetivo final), seja por desacreditar que possa chegar até ele, seja por achar que o lugar virá até mim. Por isso, o praticismo e o reboquismo nada têm de revolucionário, é a opção de ficar parado ao invés de dar um passo adiante rumo ao objetivo que se propõe.

A partir destes dois elementos, fica claro que a estratégia revolucionária deve tomar cuidado com os meios e sua necessária correspondência com os fins. Além de analisar e buscar os meios adequados e necessários para atingir o objetivo final, é necessário evitar e criticar os meios inadequados, o que remete para a crítica e recusa das concessões contrarrevolucionárias, adoção de estratégias burocráticas e reboquismo. Rosa Luxemburgo (1991), por exemplo, questionou o bolchevismo por suas concessões contrarrevolucionárias (sem utilizar tal termo)¹², como a distribuição de terras (que, em outros casos, seria denominado “reforma agrária”) ou votar no menos ruim para evitar o fascismo e assim despolitizar as classes trabalhadoras e desarmá-las¹³. As estratégias burocráticas, sejam as eleitorais ou insurrecionais, significam o abandono da revolução

¹² Marx também apontou várias críticas para concessões contrarrevolucionárias, tal como se vê em seu texto sobre a Comuna de Paris (2011) ou a Crítica ao Programa de Gotha (1974).

¹³ Isso é mais grave ainda quando o suposto “fascismo” é apenas propaganda eleitoral e oportunista de partidos de esquerda para conquistar votos e apoios, como ocorreu no Brasil nas eleições de 2018.

e a submissão a uma troca de quem realizará a dominação de classe, que se manterá. Esse é o caso dos conselhos operários em Berlim, que ao invés de partir para a abolição do aparato estatal aceitou a aliança entre social-democracia e burguesia para realizar um novo governo ou então dos soviets, na Rússia, que, ao invés de destruir o Estado e combater o bolchevismo, permitiu que esse tomasse o poder estatal. O reboquismo pode acompanhar essas duas outras ações, e significa que setores das classes trabalhadoras e oposicionistas, inclusive a ala semiproletária do bloco revolucionário, vão a reboque de governos, partidos, mobilizações, sem colocar a necessidade da hegemonia proletária, o que remete para a estratégia revolucionária, não gerando avanço e sedimentação da luta operária.

Assim, a partir da clareza do objetivo final, que é mais nítida com a reflexão teórica, além de ser a ideal e mais eficaz, embora seja possível com elementos menos complexos de pensamento, é preciso pensar nos meios. O objetivo final é a autogestão social, então é necessário pensar o que contribui com sua concretização. Quais são os meios para concretizar a autogestão social? A estratégia revolucionária deve, portanto, refletir também sobre tais meios, nunca deixando de lado o vínculo necessário com o objetivo final e sempre tomando este como o eixo norteador e ponto de partida. Não se deve partir dos meios para os fins e sim dos fins para os meios. Claro que isso já foi chamado de utopismo, idealismo, eticismo, etc., mas quem diz isso geralmente são os adeptos das burocracias, os oportunistas, os conservadores, reformistas, burocratas ou então aqueles que são reformistas utópicos, ou místicos que esperam um messias, mesmo que este seja uma classe social.

Estes elementos todos da estratégia revolucionária, apenas esboçados, que são: reflexão, objetivo final e meios, devem ser articulados coerentemente numa totalidade. Pensar apenas no objetivo final sem reflexão sobre os meios ou sem reflexão, significa ficar no utopismo abstrato. O objetivo final não cai do céu e mesmo que haja tendências a seu favor, se quem diz querer sua realização nada faz, então enfraquece a tendência que diz defender. Logo, não é possível ficar apenas no intelectualismo, é preciso agir, organizar, reunir pessoas e fortalecer essa ação e organização, para assim reforçar a tendência que se quer materializar. Não basta declaração de fé na autogestão social, é preciso atuar para sua concretização, através de várias formas, inclusive a referida

declaração, mas é preciso que isso não seja apenas nos sonhos noturnos não comunicados com outros seres humanos ou apenas no discurso abstrato que entra em contradição com as práticas concretas.

Pensar apenas nos meios, por mais que estes estejam de acordo com os fins, é mero formalismo sem conteúdo, cujo mal é menor que o vanguardismo e burocratismo, mas que mantém graves problemas, entre os quais poder ser manipulado ou produzir coisas que serão utilizadas contra o objetivo final. É o mesmo que um indivíduo dizer que o proletariado vai se libertar sozinho e que por isso nada fará ou então que a auto-organização é revolucionária por si mesma (sem clareza do objetivo final, diversas auto-organizações poderão muito bem servir para qualquer outro objetivo, inclusive contrários ao que foi sua intenção inicial ou “pré-concebida”)¹⁴. Os meios devem apontar para os fins.

O que une tudo isso é a reflexão sobre a totalidade da sociedade e das lutas de classes, no sentido de entender a tendência para a concretização da autogestão social e das lutas autogeridas do proletariado. Aqui entramos noutro aspecto da estratégia revolucionária: quem elabora a estratégia revolucionária? Os proletários ou os revolucionários? A resposta a esta pergunta também é fundamental. Já colocamos anteriormente quem elabora a estratégia revolucionária, mas voltaremos a este ponto para aprofundar tal discussão.

Historicamente, o proletariado nunca elaborou estratégia revolucionária, pois se ele fizesse isso, já teria um objetivo final que seria a autogestão social e sua ação seria apenas tomar conta da produção e da sociedade como um todo, abolindo o Estado e o capital e pronto. O proletariado, através da luta de classes, não desenvolve uma estratégia revolucionária e sim a espontaneidade revolucionária que pode desembocar em autonomização e autogestão. O proletariado avança através de suas lutas espontâneas e autônomas, até que se tornem lutas autogeridas. Nesse momento, há uma estratégia proletária revolucionária, pois o objetivo final está claro (a autogestão social), os meios se esclarecem (autoeducação, auto-organização, articulação e

¹⁴ A este respeito é útil a reflexão sobre as organizações autárquicas (VIANA, 2016), pois contribui com a superação do fetichismo da auto-organização.

generalização), apesar dos diversos problemas e obstáculos concretos. A reflexão se amplia e a unidade reflexão-meios e fins se estabelece. Mesmo assim, não é de forma teórica, mas suficiente para gerar a revolução e autogestão social.

No entanto, os obstáculos, a contrarrevolução (burguesia, burocracia, cultura existente, capital, dinheiro, mentalidade, etc.) existe como possibilidade e persiste. A espontaneidade revolucionária, ao avançar, tende a gerar uma estratégia operária revolucionária, mas sua concretização é obstaculizada pela contrarrevolução (especialmente pela burocracia estatal, partidária e sindical e pela hegemonia burguesa ou burocrática). E isso contribui com a derrota e as várias experiências históricas mostram justamente esse processo de contrarrevolução.

Nesse sentido, o que é mais importante em toda essa discussão sobre estratégia revolucionária é justamente a sua necessidade. Mas quem elabora estratégia revolucionária em momentos não-revolucionários são os indivíduos e grupos revolucionários, especialmente os representantes teóricos do proletariado, se bem que alguns só o fazem nos momentos revolucionários (outros que já possuem tal estratégia, podem reformular aspectos, aperfeiçoar, etc.). Por isso é fundamental entender a relação entre organização revolucionária e proletariado¹⁵, bem como qual é a importância da estratégia revolucionária para as organizações revolucionárias e para o movimento operário revolucionário. Esse processo se torna cada vez mais desenvolvido com as lutas radicalizadas, possibilitando a fusão entre bloco revolucionário e movimento operário. A importância para as organizações revolucionárias é sua razão de ser, ou seja, contribuir com a revolução proletária. A importância para o movimento revolucionário do proletariado é fornecer elementos e apoiar sua luta, fortalecendo a sua tendência de realizar a autogestão social, bem como contribuir com o aceleração desse processo e dificultar a contrarrevolução.

O proletariado tende, através de suas lutas, a desenvolver lutas autogeridas, mas os obstáculos para isso atrasam, dificultam, impedem, dependendo da situação, essa passagem. A passagem de classe determinada pelo capital à classe autodeterminada

¹⁵ Não poderemos discutir essa questão aqui. Isso está desenvolvido em alguns capítulos do livro *A Questão da Organização Revolucionária* (VIANA, 2014).

ocorre na luta, mas esta luta não tem apenas um time em campo (o proletariado) e sim vários, sendo que alguns se destacam (burguesia, burocracia, etc.). As organizações revolucionárias (bem como indivíduos, classes aliadas, movimentos sociais, etc.) podem contribuir com essa passagem, inclusive pensando nisso e na necessidade de conseguir apoio para o proletariado de outros setores da sociedade (lumpemproletariado, campesinato, indivíduos revolucionários, etc.), visando apoiar a constituição de um bloco revolucionário sob hegemonia do proletariado (como classe autodeterminada).

Nesse sentido, a discussão sobre estratégia revolucionária é fundamental, bem como a sua elaboração e articulação com estratégias específicas¹⁶, nas quais, outros setores da sociedade, a partir de sua posição específica, se articulam com a luta proletária e das organizações revolucionárias. Desta forma, é importante realizar uma breve discussão sobre as estratégias específicas e estratégia geral do movimento operário revolucionário e do bloco revolucionário.

As estratégias específicas são aquelas que articulam lutas específicas (em determinados movimentos sociais, instituições, etc.) com lutas gerais (do movimento operário) e lutas imediatas com lutas a longo prazo (que remete ao objetivo final, autogestão social). A articulação específico-geral é fundamental e pode ser exemplificada através de uma reivindicação específica, como, por exemplo, a de um restaurante universitário para estudantes. Essa é uma reivindicação específica do movimento estudantil, mas deve ser articulada com a luta geral do proletariado. E isso pode se manifestar através do vínculo entre necessidade de uso de restaurante universitário pelos estudantes universitários das classes trabalhadoras e o problema da qualidade da alimentação e seu vínculo de classe. Além disso, é possível vincular tal luta com a questão da produção alimentar, da geração de emprego, etc. Por outro lado, esse

¹⁶ Estratégias específicas são aquelas nas quais se atua em determinada instituição, movimentos sociais, etc., atendendo a necessidades específicas e imediatas, mas (por ser estratégia) articuladas com necessidades gerais e do movimento operário, por um lado, e a longo prazo, especialmente a autogestão social. Ou seja, mesmo na estratégia específica de um movimento social ou em uma instituição não há o isolamento e sim consideração pela totalidade e nem imediatismo e reformismo e sim vínculo e primazia ao projeto autogestionário.

mesmo exemplo pode servir para ilustrar a articulação imediato-porvir¹⁷, pois o restaurante universitário deve ser entendido como uma necessidade imediata que deve ser superada, pois ele expressa a divisão de classes, a divisão social do trabalho, a existência de uma instituição separada e especializada que é a universidade, etc., e que tudo isso deve ser superado, com a transformação social. Nesse caso, é uma reivindicação imediata e, por conseguinte, provisória.

Desta forma fica claro que as reivindicações específicas e imediatas são todas provisórias e podem ser realizadas para garantir meios de sobrevivência e luta, bem como meio de reforçar as lutas futuras. Elas só têm sentido nesse contexto e por isso devem estar articuladas com outras lutas, gerais e permanentes (objetivo final). Um restaurante universitário pode contribuir com a permanência de estudantes trabalhadores na instituição universitária, o que é um interesse específico dos estudantes (que trabalham) e imediato, que deve ser articular com os interesses gerais (do proletariado) e a longo prazo. Ou seja, de nada adianta ter estudantes trabalhadores nas universidades se eles estão sob hegemonia burguesa ou burocrática, se estão como expressões de classe determinada. Por isso, além de lutar para ter um maior número possível de estudantes trabalhadores nas universidades, é necessário lutar pela criação de organizações autárquicas destes estudantes, pela sua formação mais ampla, pela mudança curricular e maior criticidade nas instituições universitárias, etc. Isso significa que a luta específica pelo restaurante universitário não pode ser isolada, deve estar articulada com outras lutas, como a curricular e cultural, bem como a organizacional e outras. A luta por esta conquista particular deve ser articulada com objetivos mais amplos e profundos, como os estabelecidos anteriormente, o que significa que o geral e o objetivo final podem coincidir, pois a hegemonia proletária deve estar presente nas lutas específicas.

Um comitê de luta por ampliação ou criação de restaurante universitário significa a criação de uma organização autárquica voltada para uma luta específica, mas que deve ser articular como um comitê de luta mais amplo, estudantil, reunindo outras

¹⁷ A luta estudantil é um elemento de politização e serve para sedimentar e preparar para os embates futuros desde que articulada com a luta geral e o objetivo final.

reivindicações imediatas e gerais, bem como o objetivo final. Um tal comitê de luta deve, por exemplo, entender o significado de um restaurante universitário, quem o usa ou necessita dele, quais são os obstáculos existentes para sua criação, manutenção, melhoria, acessibilidade, etc., o que vai remeter para questões mais gerais e amplas, tal como a dinâmica da sociedade capitalista e a mercantilização das relações sociais. Isso, ao mesmo tempo que fornece subsídios para a elaboração de uma estratégia revolucionária a partir de uma estratégia específica, ainda pode gerar organização, politização, hegemonia proletária.

Assim, observamos quem elabora a estratégia revolucionária e algumas de suas características. Mas seria possível, no que se refere à estratégia revolucionária, pensar em sua divisão em econômica, política e cultural? A resposta é negativa, pois ao contrário da estratégia burguesa e das estratégias burocráticas, a ideia é a da abolição da divisão social do trabalho e isso significa abolir tais distinções. Obviamente, que tal divisão existe hoje, mas não é estratégico se submeter a ela. A revolução proletária é uma revolução total e por isso não isola as lutas, tal como o método dialético analisa a realidade social como uma totalidade. Assim, a estratégia revolucionária é antiburocrática e anti-institucional (contra a burocracia, a política institucional, o aparato estatal), anticapitalista (contra o modo de produção capitalista), anti-hegemônica (contra a episteme burguesa, seus paradigmas, e cultura da sociedade capitalista).

As distinções no interior da estratégia revolucionária são as que colocamos anteriormente, ou seja, entre o específico e o geral, o imediato e o do porvir, que são inseparáveis e articuladas. Se não for assim, não é estratégia revolucionária. Uma outra distinção é a que remete para o bloco revolucionário e seu significado no interior da luta operária. Já desenvolvemos reflexões a este respeito (VIANA, 2019b; VIANA, 2014) e Marx já havia colocado alguns elementos fundamentais desse processo (MARX; ENGELS, 1988), o que foi apontado por outros em outros contextos, embora sem grande fundamentação. O bloco revolucionário (que inclui as organizações e indivíduos revolucionários) é a fração mais resoluto, mais avançada teórica e estrategicamente, a que busca unificar o proletariado e seus aliados, etc., e por isso luta pela formação de organizações autárquicas e autoformação, bem como luta cultural que reforça esses dois aspectos. Nesse sentido, ele tem um significado importante na luta operária, pois é não

só um veículo para hegemonia proletária como um instrumento para combater a contrarrevolução e colaborar com a passagem do proletariado para classe autodeterminada e que efetive a autogestão de suas lutas.

A revolução proletária é o momento em que o bloco revolucionário (em sua ala proletária, que é reforçada pela radicalização e passagem de setores da ala semiproletária para suas fileiras, bem como adesão de indivíduos de outros blocos, o que é mais raro) se fortalece (em quantidade e qualidade) e se funde com o movimento operário, que torna-se revolucionário. O bloco revolucionário é peça chave para a vitória do proletariado e por isso ele deve se organizar, avançar teoricamente e politicamente, aumentar quantitativamente (sem formar organizações burocráticas, o que significaria o seu abandono do projeto revolucionário), desenvolver estratégias específicas, etc. As lutas espontâneas e autônomas do proletariado se unificam com as lutas revolucionárias do bloco revolucionário. A tendência autogestionária se fortalece com um bloco revolucionário mais forte e se enfraquece com sua fraqueza.

Assim, as diretrizes gerais da estratégia revolucionária são as mesmas no decorrer da história do capitalismo. Porém, com as mutações do capitalismo, novas questões podem emergir e trazer a necessidade de novas estratégias específicas. No regime de acumulação conjugado se tornou necessário uma crítica do paradigma subjetivista, uma atenção aos movimentos sociais que se fortaleciam, uma crítica e recusa do consumismo, estado integracionista, imperialismo oligopolista transnacional e outros processos, que deveriam gerar estratégias específicas que não surgiram. Apenas no bojo da rebelião estudantil de Maio de 1968 é que, no calor da luta, se esboçou uma estratégia específica articulada com a estratégia revolucionária. No capitalismo contemporâneo, a crítica e recusa do paradigma subjetivista, do estado neoliberal, do identitarismo, etc., são outros elementos, também traz a necessidade de novas estratégias específicas articuladas com a estratégia revolucionária. Porém, a cada regime de acumulação isso se torna necessário e cabe ao bloco revolucionário conseguir gerar teóricos do proletariado que, vinculados ou não a lutas específicas, gerar tal complemento da estratégia revolucionária.

Considerações Finais

O objetivo do presente texto foi discutir as estratégias de classe, visando promover um esclarecimento teórico e conceitual. Para tanto, apresentamos o conceito de estratégia de classe, bem como as estratégias das três principais classes sociais da sociedade capitalista. Esse processo analítico serviu para explicitar alguns elementos fundamentais. O primeiro deles é perceber que existe uma estratégia burguesa e que sua compreensão é fundamental para o proletariado e as demais classes, pois ela permite atuar mais eficazmente no sentido de luta pela transformação radical e total das relações sociais. O segundo é compreender que existem estratégias burocráticas, cuja compreensão possui o mesmo significado, especialmente pelo fato que estas tentam se infiltrar no movimento operário e desviá-lo de sua luta revolucionária e gerar contrarrevolução burocrática. O terceiro ponto é a percepção da existência de uma estratégia revolucionária, pois isso foi ofuscado pelos ideólogos do bloco dominante e principalmente do bloco progressista. O quarto ponto é entender a necessidade de uma estratégia revolucionária e da elaboração de estratégias específicas, o que remete para o quinto e último ponto, que é a importância do bloco revolucionário na luta pela transformação radical do conjunto das relações sociais.

Desta forma, o presente artigo contribui, modestamente, para se pensar a questão da estratégia em geral e ele mesmo faz parte da estratégia revolucionária. Outros elementos poderiam e deveriam ter sido discutidos, tal como a relação entre método e estratégia, bem como outros que já foram esboçados ou desenvolvidos em outros textos ou por outros autores (como a questão da organização revolucionária, das concessões contrarrevolucionárias, a questão das estratégias específicas no interior da estratégia operária, a constituição das estratégias burguesas, as divergências das estratégias burocráticas, a deformação burocrática da estratégia operária, etc.), mas não puderam ser desenvolvidos por sua extensão. Isso demandaria outras análises e um espaço enorme. Nos contentamos com uma abordagem mais geral e panorâmica, servindo como introdução para desdobramentos posteriores. Se esse artigo funcionar como ponto de partida para desdobramentos e aprofundamentos, isso significa que realizou o seu objetivo.

Referências

- JENSEN, Karl. *Que Fazer? A Resposta Proletária*. Goiânia: Edições Redelp, 2016.
- LÊNIN, W. *O Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*. 6ª edição, São Paulo: Global, 1986.
- LUXEMBURG, Rosa. *A Revolução Russa*. Petrópolis, Vozes, 1991.
- LUXEMBURG, Rosa. *O Que Quer a Liga Spartacus?* In: LUXEMBURG, Rosa. *A Revolução Russa*. Petrópolis, Vozes, 1991.
- LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma Social ou Revolução?* São Paulo, Global, 1986a.
- MARX, Karl. *A Comuna de Paris*. In: VIANA, Nildo (org.). *Escritos Revolucionários Sobre a Comuna de Paris*. Rio de Janeiro, Rizoma, 2011.
- MARX, Karl. *Crítica ao Programa de Gotha*. Lisboa, Nunes, 1974.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- MOORE, Stanley. *As Três Táticas Marxistas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- STÁLIN, Joseph. *Fundamentos do Leninismo*. São Paulo: Global, 1982.
- VIANA, Nildo. *A Questão da Organização Revolucionária*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2014.
- VIANA, Nildo. *A Teoria das Classes Sociais em Karl Marx*. Lisboa: Chiado, 2018.
- VIANA, Nildo. Blocos Sociais e Luta de Classes. *Espaço Livre*, Vol. 10, n.º 10, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://informecritica.blogspot.com/2016/03/blocos-sociais-e-luta-de-classes.html> Acesso: 31/12/2015b.
- VIANA, Nildo. Burocracia: Forma Organizacional e Classe Social. *Revista Marxismo e Autogestão*. Ano 02, num. 03, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rma/article/view/9jviana3/297> Acessado em: 31/13/2015a.
- VIANA, Nildo. *Estado, Democracia e Cidadania*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rizoma, 2015c.
- VIANA, Nildo. *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*. Curitiba: CRV, 2019a.
- VIANA, Nildo. *Manifesto Autogestionário*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Rizoma, 2019b.
- VIANA, Nildo. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.
- VIANA, Nildo. Organizações: Reprodução ou Transformação Social. *Revista Espaço Livre*. Vol. 11, num. 21, 2016. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rel/article/view/440/391> acessado em: 31/12/2016.

VIANA, Nildo. *Rosa Luxemburgo e a Autogestão Social*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2013.